

APRESENTAÇÃO

LITERATURAS PARA CRIANÇAS E JOVENS: TEORIA, METODOLOGIA, CRÍTICA E HISTORIOGRAFIA LITERÁRIAS

A chamada do *Caderno Seminal* para o dossiê “Literaturas para crianças e jovens”, especificamente vinculado à área de Estudos de Literatura, teve por objetivo principal reunir textos que expusessem reflexões variadas acerca da(s) literatura(s) lida(s) por crianças ou jovens, independentemente de sua destinação poética (o dar-se da obra, ou seja, a produção) ou apropriação estética (o receber a obra, ou seja, a recepção), envolvendo sejam abordagens teóricas e metodológicas, propriamente ditas, sejam experiências didáticas e formativas, em sentido *lato*, tanto no universo restrito dos estudos de literatura, quanto no universo ampliado dos estudos comparados. Assim, esperava-se publicar estudos literários, experiências ou estudos didático-pedagógicos e diálogos entre diferentes campos do saber e linguagens artísticas e midiáticas, tendo, necessária e obrigatoriamente, a literatura por referencial básico de observação.

A resposta à chamada foi bastante significativa, seja sob o aspecto quantitativo, seja sob o aspecto qualitativo, obrigando os editores do dossiê, Flavio García (UERJ), José Nicolau Gregorin (USP) e Regina Michelli (UERJ), a tomaram medidas prévias de avaliação quanto à admissibilidade dos

textos, antes de os enviar aos “pares cegos”, avaliadores *ad hoc*, que efetivamente decidiriam sobre o aceite ou a rejeição daqueles previamente admitidos. Dessa forma, procederam, chegando, apesar disso, a um número relativamente elevado de submissões a serem avaliadas.

O resultado final da avaliação pelos pareceristas, por um lado, confirmou a pertinência da chamada pensada pelos editores do dossiê, mas, por outro, deixou-os com o enorme problema de terem um volume de textos aceitos que ultrapassava o total máximo de artigos possíveis de serem publicados em um único número da revista. Tiveram, então, que consultar os editores gerentes do *Caderno Seminal*, entre os quais se encontra Flavio García, um dos editores do dossiê, que coordena a área de Estudos de Literatura do periódico, e Darcilia Simões (UERJ), coordenadora da área de Estudos de Língua.

Acordados de bom grado com o produto que tinham às mãos, decidiram por publicar dois diferentes e seguidos números do *Caderno Seminal*, atendendo à mesma chamada, cujos dossiês se distinguiam pelos aspectos de fundamentação, abordagem e objetivos dos artigos. O primeiro desses números, com 10 textos, este que ora se publica, intitula-se “Literaturas para crianças e jovens: teoria, metodologia, crítica e historiografia literárias”.

O volume se inicia por “Sob os olhos de kunumim: a literatura indígena brasileira no círculo literário infantojuvenil”, de Lívia Penedo Jacob, de pronto, porque o texto trata do caráter mais primevo da brasilidade, que é o povo indígena. Soma-se a isso, a discussão teórica, metodológica e conceitual acerca da literatura infantojuvenil, localizando-a em culturas não hegemônicas. Do teórico e conceitual para o crítico e interpretativo, avançando pela história, emergem aspectos da cultura indígena que podem ser associados aos estudos do insólito ficcional. São eles, nomeadamente a metamorfose de um *kunumin* em onça que, alijado da aldeia, mas mantendo sua fé e sua adoração pela Lua, que o ajuda todas as noites, é socorrido pela Lua, que desce à Terra e, casa-se com ele.

Muito embora se pudesse permanecer na brasilidade, seguindo por artigos cujo *corpus* versa sobre autores nacionais, “Entre memórias e histórias: a literatura infantojuvenil de Ondjaki”, de Demétrio Alves Paz e Camila Knebel Fenner, acaba por ser atraído por “Sob os olhos de kunumim: a literatura indígena brasileira no círculo literário infantojuvenil”. O texto de Paz e Fenner dedica-se à leitura de *O leão e o coelho saltitão*, *Ynari, a menina das cinco tranças*, *O voo do golfinho*, *Ombela, a origem das chuvas*, *A bicicleta que tinha bigodes* e *O convidador de pirilampos*, do

escritor angolano Ondjaki. Seus autores debruçam-se sobre “memórias e histórias do cenário angolano” que emergem nessas narrativas, e debatem temas importantes para a cultura local africana, sobrelevando a linguagem poética de Ondjaki, que recorre, como sói acontecer com a infinita maioria dos escritores africanos, a elementos da oralidade.

Em entrevista dada à Visão¹, que, como anuncia o Jornal logo de início, prometia – e se cumpriu – ser da ordem do realismo mágico, o escritor moçambicano Mia Couto, referindo-se às histórias que nutrem sua literatura, observou que “essas histórias traduzem uma relação com o mundo em que essa fronteira entre o que é realidade e ficcional não está muito presente; isso ajuda-nos muito. Isto é arriscado de dizer, porque sempre vem a conversa de África como uma coisa exótica e à parte, mas quando nos falamos do realismo mágico nos nossos textos, se eu disser em Moçambique que a árvore é uma casa voadora ou outra coisa com dimensão poética, nada disto é extraordinário”. Nessa mesma entrevista, o escritor angolano José Eduardo Agualusa disse ser capaz “de encontrar notícias nos jornais com elementos do fantástico, do maravilhoso. Que são lidas como coisa corrente. Escrever em Angola e Moçambique sem esses

1 <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2019-11-17-jose-eduardo-agualusa-e-mia-couto-nao-temos-de-representar-que-somos-escritores-e-nos-levamos-muito-a-serio/>

elementos é como tentar escrever sobre Amsterdão sem as bicicletas, ou sobre Buenos Aires sem o tango. É possível fazer isso, mas estaríamos a falsificar a realidade. Porque a nossa realidade integra esses elementos”. Esses elementos maravilhosos, mágicos, fantásticos, advindos de crenças, lendas, mitos telúricos, transmitidos de geração a geração pela oralidade, perpetuam-se e dão a cor local aos textos ficcionais de literaturas africanas, indígenas, infantil, pois, como concluiu Mia Couto naquela mesma entrevista “[a] nossa realidade é pouco real”, ou, talvez, toda essa nossa ficção seja muito real.

E são esses aspectos da ficcionalidade que aproximam “O universo infantil de Clarice Lispector: uma leitura da oralidade e do final aberto em *O mistério do coelho pensante*”, de Cristina Rothier Duarte e Girlene Marques Formiga, dos textos que o antecedem. Duarte e Formiga observam criticamente a primeira obra de Clarice Lispector destinada ao público infantil, com relevo para aspectos temáticos históricos, folclóricos e maravilhosos brasileiros na esteira da obra de Monteiro Lobato. Destacam processos de composição textual que envolvem a função do narrador, a efabulação, permeiam a metaficção historiográfica, apesar de a bibliografia utilizada não privilegiar nenhum trabalho

sobre essa perspectiva teórica. O tema ou procedimento da oralidade, já presente em Lobato, é objeto do estudo de *O mistério do coelho pensante*.

“*Fazendo Ana Paz: a metaficção no fazer literário de Lygia Bojunga*”, de Gabriela Trevizo Gamboni, semelhantemente a “O universo infantil de Clarice Lispector: uma leitura da oralidade e do final aberto em *O mistério do coelho pensante*”, atém-se a um único texto de uma escritora brasileira, e, se o artigo assinado por Duarte e Formiga apenas tangencia a metaficção historiográfica, esse, de autoria de Gamboni, recorre a trabalhos essenciais no suporte à teoria da metaficção historiográfica, como os de Linda Hutcheon e Patricia Waugh.

O olhar teórico, metodológico e crítico de Silvani Lopes Lima e Fabiane Verardi Burlamaque em “Recursos metaficcionais para (re)ler a história em *Os anjos contam histórias*, de Luiz Antonio Aguiar”, faz com que o artigo se aproxime dos anteriores, seja por seu *corpus* restringir-se a um texto de um escritor brasileiro, seja por seu instrumental limitar-se aos recursos composicionais da metaficção historiográfica. O resumo é extremante elucidativo e claro, identificando o objeto da leitura e seu suporte teórico, além de prenunciar correlações que se podem perceber no texto de Luiz Antonio Aguiar entre a narrativa ficcional e a História.

Versando ainda sobre a literatura brasileira, segue “Literatura juvenil brasileira e intertextualidade: o jovem e seus encontros com leituras outras”, de Andréia de Oliveira Alencar Iguma e Marisa Martins Gama-Khalil. O estudo de Iguma e Gama-Khalil retoma, em perspectiva um tanto diversa, reflexões presentes em “Sob os olhos de kunumim: a literatura indígena brasileira no círculo literário infantojuvenil”, que abre este volume, no que se refere à compreensão e delimitação conceitual da literatura para crianças e/ou jovens – expressão que aqui se vai preferindo a fim de não embater com outros usos dos autores dos artigos – e em relação a discussões em torno do ensino de literatura e da formação de leitores. Também resvala em aspectos levantados por Duarte e Formiga, no terceiro artigo, no qual se comentam variadas questões acerca da oralidade, do folclore, do legendário e mítico brasileiros, a partir da obra de Lobato e da produção que lhe vem logo após. Adiante, Iguma e Gama-Khalil, pelas sendas da intertextualidade, adentram o comparativismo, que vai (re)incidir em alguns dos artigos seguintes.

Mantendo-se sobre narrativas de escritores brasileiros, mas assumindo uma postura crítica comparativista, tanto na perspectiva intradiscursiva – entre textos literários –, quanto

na interdiscursiva – entre textos literários e textos de outros *media* –, Rosa Maria Cuba Riche apresenta sua leitura de *Meninos sem pátria*, de Luiz Puntel, *O menino que espiava pra dentro*, de Ana Maria Machado, e *Peppa*, de Silvana Rando, em “A literatura infantil e juvenil contemporânea e o poder das mídias sociais”. Riche põe essas narrativas em diálogo entre si e em diálogo com variados canais midiáticos da contemporaneidade, em especial com os gêneros ficcionais veiculados pela Internet. Subliminarmente, embora não o declare, o artigo acaba por traçar um quadro de leitores e processos de acesso à leitura, em meio à contemporaneidade cibernética, no qual interferem diferentes situações sociais.

Sem se afastar da literatura brasileira, nem do comparativismo intraliterário e intermediário, vêm Luara Teixeira de Almeida e Diana Navas com “Literatura e música em (con)fluência: o diálogo intermídia na literatura juvenil”. Almeida e Navas abordam *O Rei*, de Luiz Tatit e Renato Moriconi, e *Quaisqualigundum*, de Roger Cruz e Davi Calil, evidenciando relações da linguagem literária com a linguagem musical, visual entre outras, na contemporaneidade. O artigo busca desnudar estratégias de composição discursivo-textuais que atinjam o público leitor jovem, valendo-se de diferentes canais midiáticos comuns ao seu cotidiano.

Faz de conta que um pesquisador eleja uma base teórica única, advinda de um autor exclusivo, para produzir sua leitura de duas ou três variantes de um mesmo núcleo temático, produto de diferentes autores ou de diferentes literaturas etc. Ninguém poria em dúvida que esse pudesse, senão que devesse, ser um estudo comparativista. Portanto, não há por que pôr em dúvida que “Harry Potter: a intertextualidade estranhamente familiar”, de Nathan Rodrigues da Silveira Murizine Branco, seja um trabalho comparativista, mas de procedimento inverso àquele do faz de conta. Murizine toma por *corpus* único de seu artigo o primeiro volume da série Harry Potter, de J. K. Rowling, intitulado *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, e o lê sob a perspectiva teórica e conceitual do Estranho a partir de três diferentes estudiosos: Freud, Benjamin e Chklovski.

Este dossiê “Literaturas para crianças e jovens: teoria, metodologia, crítica e historiografia literárias” encerra-se com “O medo em *Histórias assustadoras para contar no escuro*”, de Felipe Ribeiro Campos, em que o autor, valendo-se de estudos de Rosalba Campra, David Roas e Julio França acerca da ficção fantástica, persegue o medo e o horror presentes nos textos que compõem a recolha e o reconto de diversas histórias do folclore americano de Alvin Schwartz. Em linhas

gerais, a obra de Schwartz é seguida passo a passo por Campos, que destaca fragmentos das narrativas nos quais observa elementos discursivos que possam delineiem o efeito do medo vivenciado por personagens ou vivenciável por leitores.

Flavio García
José Nicolau Gregorin Filho
Regina Michelli
Os organizadores.